

**“SE APARECER NOTÍCIAS SÉRIAS AHI, ESCREVA-ME”:** CONCORDÂNCIA VERBAL EM CARTAS DO SERTÃO  
BAIANO OITOCENTISTA

*“SE APARECER NOTÍCIAS SÉRIAS AHI, ESCREVA-ME”:* SUBJECT-VERB AGREEMENT IN LETTERS FROM THE 19<sup>TH</sup> CENTURY  
BAHIAN SERTÃO

*Pedro Daniel dos Santos Souza*<sup>1</sup>

*Elizabete Lopes Oliveira*<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho discute o encaixamento histórico da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro (PB) oitocentista, a partir de *corpus* constituído por 190 cartas escritas por 43 remetentes e dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo. Embora a variação da concordância verbal de terceira pessoa plural tenha sido exaustivamente estudada em dados do PB contemporâneo, tratar desse fenômeno linguístico sob uma perspectiva histórica ainda se coloca como um desafio ao pesquisador, haja vista as limitações impostas pela natureza dos *corpora* que permitem investigar fases pretéritas da língua. A par dessas limitações, fundamenta-se a presente discussão nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982), em diálogo com Linguística Histórica e a Filologia, buscando refletir sobre os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variável presença/ausência de marcas explícitas de plural nas formas verbais de terceira pessoa. Por meio da submissão das variáveis ao Programa GoldVarb X, pode-se constatar o condicionamento da posição do sujeito em relação ao verbo, da caracterização semântica do sujeito, do tipo de verbo e da saliência fônica na aplicação da regra de concordância. Quanto às variáveis sociais, somente uma análise qualitativa possibilitou discutir a influência do social sobre o objeto em estudo, haja vista a limitação imposta pela natureza própria da documentação tomada como *corpus*. De modo geral, abrem-se caminhos para uma maior compreensão sobre o processo histórico da variação da concordância verbal, “pedra de toque” do português brasileiro, na direção de fazer um melhor uso de dados “limitados” e fragmentários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Histórica. Português brasileiro. Concordância verbal. Variação. Bahia oitocentista.

## ABSTRACT

This paper discusses the historical fit of third person plural clause variation in 19th century Brazilian Portuguese (BP), based on a *corpus* of 190 letters written by 43 senders and addressed to Cícero Dantas Martins, the Baron of Jeremoabo. Although the variation in third person plural clause agreement has been exhaustively studied in contemporary BP data, dealing with this linguistic phenomenon from a historical perspective is still a challenge for researchers, given the limitations imposed by the nature of the corpora that allow investigating previous phases of the language. In addition to these limitations, the present discussion is based on the theoretical and methodological principles of Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982), in dialogue with Historical Linguistics and Philology, seeking to reflect on the linguistic and social factors that condition the variable presence/absence of explicit plural marks in third-person verb forms. By submitting the

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pdan.uneb@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-7747-7451>.

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), betequintolopes@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2742-2759>.

variables to the GoldVarb X Program, one can see the conditioning of the position of the subject in relation to the verb, the semantic characterization of the subject, the type of verb, and phonic salience in the application of the agreement rule. As for the social variables, only a qualitative analysis made it possible to discuss the influence of the social variables on the object under study, given the limitations imposed by the nature of the documentation used as *corpus*. In general, this opens the way to a better understanding of the historical process of variation in verbal agreement, the “cornerstone” of Brazilian Portuguese, in order to make better use of “limited” and fragmentary data.

**KEYWORDS:** Historical Sociolinguistics. Brazilian Portuguese. Verbal agreement. Variation. 19th century Bahia.

## Para início de conversa, o caminho a percorrer

Entre os diversos fenômenos linguísticos que atestam a variabilidade e mudança do português brasileiro (PB), a concordância verbal tem sido, exaustivamente, investigada sob perspectivas diversas, sobretudo no escopo da chamada Sociolinguística Variacionista. Numa perspectiva normativa, a regra da concordância verbal impõe, de forma categórica, a realização da concordância de número e pessoa entre o sujeito e o verbo das sentenças, embora sejam apontadas algumas exceções a essa regra. Nessa direção, essa abordagem não dá atenção ao aspecto variável dos usos linguísticos em situações reais de comunicação.

Em contrapartida, desde os primeiros trabalhos realizados por Lemle e Naro (1977), esse fenômeno linguístico tem sido investigado por muitos pesquisadores, com ênfase, sobretudo, em análises de dados de fala. Diante da relevância do tema para a descrição do português brasileiro do século XIX, fundamentando-nos na Sociolinguística Histórica, em seu diálogo com a Linguística Histórica e a Filologia, buscamos, neste trabalho, discutir as variáveis que condicionam o fenômeno linguístico, a fim de explicar o encaixamento histórico da variação linguística da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro oitocentista.

Para fundamentar nossa discussão, utilizamos um *corpus* constituído por 190 cartas dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, nos sertões da Bahia, século XIX, depositadas no Centro de Documentação Fundação Clemente Mariani (fundo ABJ), em sistema de doação por comodato. Utilizamos as edições fac-similares e semidiplomáticas das referidas cartas, escritas por 43 remetentes, que foram realizadas por Carneiro (2005).

De início, a partir de uma apresentação do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural, fundamentando-nos em estudos variacionistas, refletiremos sobre as formas de aproximações ao português brasileiro oitocentista por meio do campo da Sociolinguística Histórica e de suas relações dialógicas com a Linguística Histórica, a Sociolinguística Variacionista e a Filologia. Em seguida, faremos uma apresentação do *corpus* no qual se baseia nossa discussão. Por fim, apresentaremos uma análise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, descrevendo os resultados obtidos, referentes às variáveis linguísticas *posição do sujeito em relação ao verbo*, *caracterização semântica do sujeito*, *tipo de verbo* e *saliência fônica*, que foram selecionadas pelo Programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes para a aplicação da regra de concordância. Ademais, buscando

“fazer o melhor uso dos maus dados”, faremos uma análise qualitativa, na medida do possível, a partir do perfil social dos remetentes e as ocorrências de concordância nas cartas, com destaque para os contextos de não marcação explícita de plural.

## 1. Concordância verbal, do presente ao passado: formas de aproximações

No âmbito dos estudos sociolinguísticos no Brasil, que se iniciaram, sobretudo, com os trabalhos do *Programa de estudo sobre o uso da língua* (PEUL), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no final da década de 1970, temos o pioneiro estudo sobre a concordância verbal, apresentado no relatório de pesquisa intitulado *Competências básicas do português*, de Miriam Lemle e Anthony Naro (1977). A partir desse primeiro trabalho, podemos observar um consenso entre os estudiosos de que a regra de concordância verbal é variável no PB, diferentemente do que se pode afirmar sobre o português europeu (PE), em que a regra de concordância seria aplicada de forma categórica, embora seja necessária uma pesquisa mais sistemática desse uso em Portugal<sup>3</sup>.

Trazendo sua contribuição à investigação sobre o fenômeno em discussão, Lucchesi (2015) apresentou resultados de uma análise quantitativa da variação no uso da regra de concordância verbal de terceira pessoa no vernáculo de falantes de quatro bairros populares da cidade de Salvador, Bahia. Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e adotando a perspectiva da polarização sociolinguística do Brasil, o autor considera o contato entre línguas um fator preponderante para a formação das variedades populares do português brasileiro. A partir de uma amostra do vernáculo de moradores de bairros populares de Salvador, com pouca ou nenhuma escolaridade, Lucchesi (2015) realizou uma análise em tempo aparente, buscando descrever o processo diacrônico da variação, que constitui a atualização do processo de mudança em um ponto do devir histórico da língua. Vale destacar que a opção por apresentar resultados da Bahia deve-se ao fato de nosso estudo dizer respeito a dados da escrita no contexto desse Estado.

Segundo o autor, a amostra tomada como *corpus* de investigação faz parte do *Acervo de Fala Vernácula do Português Popular da Cidade de Salvador-Bahia*, que integra o *Projeto Vertentes*, sendo constituída por 48 entrevistas de tipo sociolinguístico, realizadas com moradores de quatro bairros populares de Salvador, a saber: Itapuã, Liberdade, Plataforma e Cajazeiras. Os informantes possuem de zero a quatro anos de escolaridade e distribuem-se por sexo e três faixas etárias: (I) 25 a 35 anos; (II) 45 a 55 anos; (III) mais de 65 anos. Lucchesi (2015) formalizou o fenômeno em estudo como uma variável linguística, nos termos propostos por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), com duas variantes: aplicação ou não da regra de concordância nas formas verbais finitas ligadas a um sujeito na terceira pessoa do plural, respectivamente, conforme os exemplos apresentados pelo

<sup>3</sup> Para melhor compreensão da questão, sugerimos a leitura de trabalhos, com *corpus* sociolinguisticamente constituído, que demonstram o caráter semicategórico dos padrões de concordância no PE, a saber:

i) VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BAZENGA, Aline. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics* 12(2), pp. 7-50, 2013.

ii) VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, 30(2), pp. 81-112, 2014.

próprio autor (LUCCHESI, 2015, p. 172): (i) *Eles moram comigo*; (ii) *As menina fazia*, no meu cabelo, trança embutida.

Após a coleta e a codificação dos dados para o processamento quantitativo pelo Programa GoldVarb, Lucchesi (2015) observou que o resultado básico da quantificação revelou uma frequência de aplicação da regra de praticamente 27% do total das ocorrências do *corpus*. Fazendo um cotejo com as demais variedades populares do português no Estado da Bahia, o autor apresenta um *continuum*, com a proeminência da variedade da capital, de um lado, e, de outro, o distanciamento da variedade usada em comunidades rurais isoladas formadas por descendentes diretos de escravos africanos, consideradas comunidades afro-brasileiras, muitas delas oriundas de antigos quilombos. A discussão proposta sobre o *continuum* fundamenta-se nos dados apresentados na tabela 1.

**Tabela 1:** Frequência de aplicação da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural em variedades do português popular do Estado da Bahia

Português popular	Ocorrências	Frequência
De Salvador	623/2.300	27,1%
De Feira de Santana	321/1.310	24,5%
Do interior do Estado	487/2.283	21,3%
De comunidades afro-brasileiras	237/1.706	16%

**Fonte:** Lucchesi (2015, p. 174).

Na tabela 1, podemos constatar maior frequência de aplicação da regra na capital, que corresponde a 27,1% e, progressivamente, vemos que esse percentual cai quando se trata de variedades do português popular de uma cidade de médio porte (Feira de Santana), que tem mais de 500 mil habitantes, correspondendo a 24,5%. Seguindo essa direção de queda da frequência, temos os municípios do interior do Estado, cuja sede teria menos de 100 mil habitantes (Santo Antônio de Jesus e Poções), com um percentual de 21,3%; chegando às comunidades rurais afro-brasileiras, caracterizadas por uma baixa frequência de aplicação da regra de concordância verbal, que fica em 16%. Para o autor, o *continuum* seria uma evidência do processo de nivelamento linguístico que se caracteriza pela propagação dos modelos da norma urbana de prestígio das grandes cidades brasileiras para as demais variedades linguísticas e as regiões do país, tendo como veículos de difusão os meios de comunicação de massa, a escolarização e o deslocamento populacional.

Contribuindo com os estudos sócio-históricos sobre a variação da concordância verbal em português, Souza (2005) realizou um dos trabalhos pioneiros em sua dissertação, intitulada *Concordância verbal em português: o que nos revela o período arcaico?* O autor investigou a questão diacrônica da variação da concordância verbal na primeira fase do período arcaico da língua portuguesa, entre os séculos XIII e XIV, a partir de um *corpus* constituído por textos literários e não-literários (oficiais, particulares e institucionais) representativos da produção medieval portuguesa.

Embora tenha voltado a atenção para o período arcaico, considera que a realização do trabalho teria o intuito de tornar também mais preciso o conhecimento acerca do português brasileiro, no caminho de sua história, em consonância com a proposta sugerida por Rosa Virgínia Mattos e Silva<sup>4</sup>. Em suas análises, o autor buscou sistematizar as variáveis que controlavam a variação do fenômeno linguístico, aplicando o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, procedimento que caracteriza a Sociolinguística Histórica.

Sabemos que a Sociolinguística toma como seu objeto teórico a variação linguística; no entanto, para investigarmos esse fenômeno, que é inerente às línguas, em fases pretéritas, não dispomos de outros materiais que não sejam os dados da escrita. Nessa direção, a opção por estudar a variação no passado coloca em evidência a necessidade de traçarmos um panorama geral das abordagens, das perspectivas e dos procedimentos teórico-metodológicos que fundamentam o campo da Sociolinguística Histórica, como o trabalho pioneiro de Suzanne Romaine (1982), e, principalmente, de seus respectivos diálogos com a Linguística Histórica, a Sociolinguística Variacionista e a Filologia, embora outras aproximações interdisciplinares possam ser arroladas nessa interlocução.

Sendo a mudança linguística a realidade empírica da Linguística Histórica (FARACO, 2005), esse campo começou a firmar-se ainda no século XVIII, com o objetivo de investigar e descrever as mudanças que as línguas sofrem no decorrer do tempo. Mattos e Silva (2008, p. 8) destaca que,

Tradicionalmente, define-se a linguística histórica como o campo da linguística que trata de interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo.

Essa tradição de estudos já se atentava para a heterogeneidade da língua, uma vez que, ao longo do tempo, muitos são os fatores condicionantes, tanto linguísticos quanto sociais, que influenciam a mudança linguística. Embora a emergência da Sociolinguística, que impulsionou estudos mais sistemáticos da variação linguística, tenha ocorrido na década de 1960, a preocupação com essa realidade das línguas remonta há muito antes. Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p. 22) destacam que a “natureza social da língua humana foi reconhecida por dialectologistas e linguistas históricos e antropológicos no final do século XIX e início do século XX, mas demorou muito mais tempo para a sociolinguística se estabelecer como um campo da linguística” (tradução nossa).

A aplicação dos métodos de análises variacionistas a dados do passado foi crucial para a consolidação da Sociolinguística Histórica, embora tenha suscitado alguns problemas. Para Romaine (1982), o estudo da variação não seria um interesse exclusivo da Sociolinguística, haja vista que a Linguística Histórica e a Dialectologia, antes mesmo daquela, já voltavam sua atenção para o estudo da variação linguística através do tempo e do espaço. Ademais, a autora chama a atenção para o fato de que esses campos têm o mesmo objetivo referente ao estudo da língua, ou seja, a variação

<sup>4</sup> O autor destaca que a motivação para sua pesquisa se fundamentou na proposição feita por Rosa Virgínia Mattos e Silva na obra: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia. *Actes du Colloque Textuelle Portugaise*. Paris: Gulbenkian, 1986. pp. 85-98.

linguística; entretanto, a Sociolinguística não deveria apenas desenvolver pesquisas em amostras de língua falada, uma vez que a variação também ocorre na língua escrita, que poderá ser considerada como fonte de dados.

Quanto à segurança do material histórico, o trabalho filológico é condição necessária para garantir a qualidade desses recursos na constituição de *corpus*. Nessa direção, dada a importância dos dados a serem utilizados em estudos de sincronias passadas, Mattos e Silva (2008, p. 15) destaca que:

[...] não se pode nem se deve utilizar qualquer edição de texto do passado para a análise histórico-diacrônica: a edição tem de ter sido feita com *rigor filológico* e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos; há edições úteis ao historiador ou ao estudioso da literatura ou ao chamado grande público, mas que, contudo, não devem ser usadas para estudos de história linguística.

Diante do exposto, podemos evidenciar que, apesar dos problemas metodológicos e das limitações existentes na Sociolinguística Histórica, essa “disciplina” possui muita importância, principalmente por permitir a realização de pesquisas que implicam situações socioculturais passadas, as quais não podem mais ser observadas ou experienciadas pelo pesquisador, colocando-o na condição de “Ouvir o inaudível” (LASS, 1997, p. 45). Essa é uma condição complexa e ao mesmo tempo necessária para que o pesquisador possa reconhecer que a evolução dos sistemas linguísticos e sociais ocorre devido às situações sócio-históricas dos falantes, considerando o princípio de que, estudando o passado, se pode compreender ou explicar o presente. Na outra direção, temos a possibilidade de, através do presente, como propõem as pesquisas em Sociolinguística Variacionista, entrever o passado, base do princípio do uniformitarismo, que considera que as forças que operam no presente são as mesmas que atuaram sobre a variação linguística no passado.

A par das questões aqui sinalizadas, apoiando-nos no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica, trataremos da variação da concordância verbal em cartas escritas no sertão da Bahia, no século XIX. Na próxima seção, apresentaremos uma breve caracterização desse *corpus*.

## 2. Cartas ao Barão de Jeremoabo: breve caracterização do *corpus*

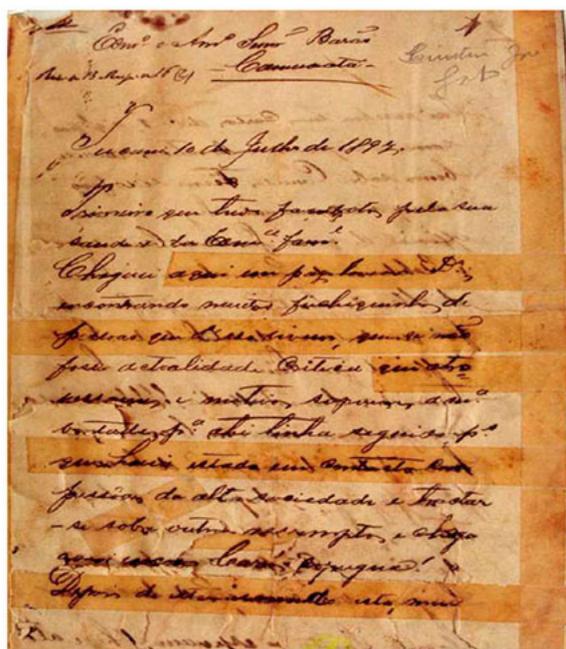
Embora se reconheça a importância dos dados registrados em textos escritos, a constituição de *corpora* precisa estar alinhada aos objetivos traçados na investigação de cada pesquisador que pretende enveredar-se pelos caminhos da Sociolinguística Histórica. Assim, sendo o texto escrito o material empírico de análise, faz-se necessário um trabalho filológico contundente, com vistas a uma interpretação fidedigna dos dados.

Considerando que a constituição de *corpora* não literários editados para o estudo do português brasileiro constitui uma prática recente, Carneiro (2005) destaca que o projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), iniciado em 1997, sob a coordenação de Ataliba Teixeira de Castilho, veio congregar interesses nessa direção. Assim, desde sua formação, os pesquisadores do PHPB têm enfrentado a agenda de constituição de *corpora* históricos, o que coloca em evidência questões e

problemas envolvendo a seleção de amostras linguísticas do português desde sua transplantação para a América.

Fazendo enfrentamento aos desafios propostos pelas pesquisas sócio-históricas do português brasileiro, a nossa discussão fundamenta-se em *corpus* constituído por 190 cartas, de circulação privada, escritas por sertanejos baianos ao Coronel Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, entre 1880 e 1903. Essas missivas foram editadas por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (2005), em versão diplomático-interpretativa (ou semidiplomática), o "tipo de edição [que] demonstrou ser o mais apropriado para estudos linguísticos, por preservar o texto original" (CARNEIRO, 2005, p. 88). Além disso, a autora também traz a edição fac-similar dessa documentação, disponível no *site* do *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)<sup>5</sup>. As cartas escritas por 43 remetentes, no século XIX, são de caráter pessoal, na medida em que apresentam mensagens particulares entre parentes e amigos do Barão de Jeremoabo. No conjunto, a maioria é datada, mas há algumas que não são datadas, escritas por três remetentes, a saber: Alexandre Ferreira Moreira, Antônio Ferreira e José dos Santos Nascimento, com datas prováveis para 1898 a 1900. Em termos ilustrativos, na figura 1, reproduzimos um fôlio de uma das cartas editadas.

**Figura 1:** Edições fac-similar e semidiplomática da Carta 332



**Carta 332**

ABJ. P16D47-0789. Documento contendo oito fôlios. Papel almaço com pautas. Fita adesiva em todos os fôlios. Inserção de terceiros a lápis: "Quintino José Galo". Há notas do barão de Jeremoabo na margem superior: "Gallo" | "Recebida a 13 - Respondida a 16 (2)"

Excelentissimo e Amigo Senbor Barão | Camuciata | 1 |

Tucano 10 de Julho de 1897. |

Primeiro que tudo faço votos pela sua | saude e da Excelentissima familia. |  
Cheguei aqui em paz louvado Deus | encontrando muitos fuchiquinhos de | pessoas que disso vivem, que se não | fosse actualidade critica que atrá | vessamos e motivos superiores a minha | vontade, para ali tinha seguido pois | que havia estado em contacto com | pessoas da alta sociedade e tractar | se sobre outros assumptos e chega | [...] <sup>52</sup> Caros, repugna! |  
Depois de estar escrevendo esta, meu |

**Fonte:** Carneiro (2005, p. 1724).

Sobre a localização geográfica, de acordo com Carneiro (2005), são cartas do interior da Bahia. Como se trata de regiões rurais pouco documentadas, a autora traz interessantes observações de um funcionário da polícia, Durval Vieira de Aguiar, que teria visitado essas localidades em 1882, em

<sup>5</sup> A documentação também pode ser acessada por meio do link: <http://www5.uefs.br/cedohs/view/coletaneas.html>

viagem de trabalho. A pesquisadora reitera que essas impressões foram, originalmente, publicadas no Diário da Bahia nesse período, sendo, inclusive, usadas por Euclides da Cunha em seus relatos de viagem.

Em sua tese, Carneiro (2005) ainda traz importantes informações sobre os remetentes, destacando algumas características particulares. Ao se referir às cartas provenientes da Cidade da “Bahia”, como era chamada a capital da província, afirma que estas foram escritas por dois remetentes, trazendo a seguinte informação: 35 cartas escritas pelo primo do Barão de Jeremoabo, Benício Penalva, comerciante de peles de Itapicuru, provavelmente nascido nessa região, já residindo em Salvador, para acompanhar os estudos de seus filhos, como destaca diversas vezes em sua correspondência, período em que assumiu as funções de oficial de registro. As outras duas cartas da “Bahia”, datadas entre 26 e 29 de novembro de 1891, foram escritas pelo afilhado do Barão de Jeremoabo, Amaro Tavares de Macedo, tabelião interino de Jeremoabo, quando lá esteve em viagem. Em relação aos remetentes de modo geral, a pesquisadora faz os esclarecimentos:

Trata-se de 43 remetentes baianos e, portanto, brasileiros nascidos/ou radicados nas seguintes localidades: 1 (Abobreira), 2 (Bom Conselho, atual Cícero Dantas), 2 (Bonfim), 1 (Conde), 1 (Patrocínio do Coité, atual Paripiranga), 1 (Cumbe, atual Euclides da Cunha), 1 (Fazenda Cortiço, atual Euclides da Cunha), 1 (Fazenda Ilha, atual Euclides da Cunha), 10 (Itapicuru), 9 (Jeremoabo), 1 (Monte Alegre), 1 (Monte Santo), 3 (Ribeira do Pombal), 1 (Santa Rita do Rio Preto), 1 (Serrinha), 5 (Tucano) e 2 outros baianos, por inferência (CARNEIRO, 2005, p. 132).

Com relação aos dados biográficos dos remetentes, segundo Carneiro (2005, pp. 116-7), “embora não tenha sido possível determinar o local de nascimento de todos os remetentes, eles são seguramente brasileiros e amigos do barão”. Confirmando as informações, a autora acrescenta que o Barão não teria se referido a nenhum português no seu livro de notas. Após realizar um levantamento preliminar, constatou que, nos arquivos referentes ao Barão, há apenas um português radicado em Sergipe.

Sobre as datas de nascimento dos remetentes, a pesquisadora “identificou entre 1851-1880: ponto no tempo, 1875, sendo possível também identificar a idade de parte dos remetentes, a partir da data de nascimento e do cruzamento com a data de escrita da carta, com idade média entre 13 e 65 anos” (CARNEIRO, 2005, p. 139). Considerando a importância da informação, destaca-se o remetente mais jovem, o menino Potâmio [Américo de Souza] de 13 anos, afilhado do Barão de Jeremoabo.

Ao traçar o perfil desses remetentes, Carneiro (2005) sinaliza que quase todos são proprietários de terras, o que, para a autora, denota-se tratar, principalmente, de uma elite local. Ademais, ainda aparecem, entre os escreventes, vaqueiros e alguns comerciantes. A autora considera tratar-se, portanto, de “uma elite pouco letrada” (CARNEIRO, 2005, p. 268).

A despeito da caracterização sociológica dos remetentes, Carneiro (2005) apresenta dados reveladores sobre o sistema educacional brasileiro no período colonial; em específico, traz

informações sobre construções de escolas no interior da Bahia no século XIX, com destaque para a região Nordeste e a Chapada Diamantina, onde, provavelmente, teriam estudado os remetentes do Barão de Jeremoabo. Sobre a população geral e escolar, tomou como base o recenseamento de 1875 e as impressões de Durval Vieira de Aguiar (1882) sobre o semiárido baiano. Com relação aos índices de alfabetizados, Carneiro (2005) acrescenta que as localidades onde residiam os remetentes, naquele Censo, apresentaram bons níveis de escolarização, a exemplo de Itapicuru e Jeremoabo. Frente a essa realidade, a autora adverte que, no período em questão, não seria possível falar de um português culto, "mas, apenas, de um português semi-culto, e, principalmente, de um português popular, se, de fato, o processo de escolarização ocorreu nessa região nos termos como parece evidenciado pelos dados apresentados nos itens precedentes" (CARNEIRO, 2005, p. 263). A par dessa constatação, Carneiro (2005) ainda acrescenta que, provavelmente, seria essa a variedade que aparece nas cartas remetidas ao Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins. Em contrapartida, a pesquisadora faz ainda a ressalva de que a grande maioria dessas localidades, de onde vieram as referidas cartas, não tinha aulas maiores, ou mesmo cursos preparatórios.

No que concerne ao gênero, Carneiro (2005) ressalta que as 190 cartas direcionadas ao Barão de Jeremoabo foram, majoritariamente, escritas por homens; desse total, apenas duas cartas foram escritas por uma mulher, a remetente Mariana Cordeiro da Silva Miranda, radicada em Tucano, professora de primeiras letras em Patrocínio de Coité, esposa de Marcelino Pereira de Miranda, também um dos remetentes. Refletindo sobre essa questão, a autora infere que a taxa de iletrados entre as mulheres é alta, sobretudo entre as mulheres das classes menos abastadas. Para tanto, destaca que o "ensino de primeiras letras para mulheres, tanto no espaço doméstico, quanto nos conventos ou recolhimentos, era fundamentalmente destinado às mulheres de classes mais ricas" (CARNEIRO, 2005, p. 268).

Considerando os aspectos sociais relevantes para a discussão sobre o perfil social dos remetentes e do seu comportamento quanto aos usos da concordância verbal de terceira pessoa nas missivas escritas por eles, na próxima seção, apresentaremos a análise dos dados.

### 3. Variação da concordância verbal em cartas da Bahia: uma análise dos dados

Nesta seção, apresentaremos uma análise dos dados, descrevendo a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro a partir de *corpus* constituído por 190 missivas datadas de 1880 a 1903, escritas por 43 remetentes dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, textos que se configuram representativos para este estudo. Nossa investigação consiste em refletir sobre o encaixamento histórico desse fenômeno linguístico no século XIX, nos sertões da Bahia. Considerando o conjunto de cartas analisadas, localizamos 835 contextos de terceira pessoa do plural, sendo que, em 739 contextos, ou seja, em 88,5% dos dados, ocorre a variante *presença de marcas explícitas de plural nos verbos* e, em 96 contextos, que correspondem a 11,5% dos dados, a variante *ausência de marcas*, ou *variante zero*. Nos exemplos 1 e 3 abaixo, apresentamos a variante *marcas explícitas de plural* e, em 2 e 4, a variante *sem marcas explícitas*, observadas em nosso *corpus*:

- (1) **Estes senhores vivem** aqui sómente a conta| do erario publico, e nada mais, (C311, 2v)<sup>6</sup>;
- (2) **As balas de estheleria** não| **produziu** o menor effeito nos| templos (C320, 1v);
- (3) no dia| das arrematações o Marcelino| apareceu fazendo as arremata=|coes **que foram** as seguintes:| (C324, 1r);
- (4) Esta Villa| esta completamente dizerta, agora foi que **chegou**| **umas 3 familias**; até o Vigario retirou-se com a fami|lia e| até esta data não chegou. (C321, 1v-2r).

Inicialmente, procederemos à análise dos dados, observando a influência das variáveis linguísticas na aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Considerando alguns trabalhos sobre a variação da concordância verbal no PB contemporâneo, optamos por observar a influência de cinco variáveis que demonstraram ser, estatisticamente, relevantes para o estudo do fenômeno variável em questão, quais sejam: saliência fônica; realização do sujeito; posição do sujeito em relação ao verbo; tipo de verbo; e caracterização semântica do sujeito. Ao submetermos os dados ao GoldVarb X, apenas quatro variáveis foram selecionadas, na seguinte ordem: (1) posição do sujeito em relação ao verbo; (2) caracterização semântica do sujeito; (3) tipo de verbo; e (4) saliência fônica. Na discussão dos dados que se segue, apresentaremos os resultados conforme a ordem de seleção das variáveis.

Sendo a concordância verbal o mecanismo sintático que prevê a coesão estrutural entre o sujeito e o verbo das orações, visto que ambos devem referir-se à mesma pessoa gramatical, como prescrito pela gramática normativa, optamos por excluir da análise dos dados as ocorrências em que a diferença entre as formas de singular e de plural ocorre apenas por meio da acento gráfico, a exemplo dos dados (5) e (6), mesmo sendo possível observar a intenção do remetente quanto à marcação do plural, como no exemplo (7):

- (5) a couza por aqui| melhorou muito, isto é pelo menos| **os abusos** não **tem** se reproduzido com|| com tanto escandalo. (C312, 1v-2r);
- (6) e quanto **as despesas de trans-|porte** não **tem** <nada> com *Vossa Excelência*. (C313, 1v);
- (7) Sou de opinião| que **as aguas thermais d'aqui**| ja **teem** perdido parte da força| salutifera que **dispunhão** para| a cura de certas enfermidades, (C429, 1v).

Da mesma forma, excluímos de nossa discussão ocorrências do verbo *haver* como impessoal, uma vez que, como determina a prescrição gramatical, sua concordância deve ser na 3ª pessoa do singular. Chama nossa atenção a concordância realizada no dado (8):

<sup>6</sup> Após os dados, informamos o número da carta, conforme Carneiro (2005), seguido da indicação do fôlio em que teriam sido localizadas as ocorrências de contextos de 3ª pessoa do plural. Indicamos também, em negrito, o sujeito e o verbo em análise.

- (8) O que vai nos alimentando| é que muitos dos quaes não| **havião** noticias e que| se julgava mortos vão| apparecendo. (C453, 3v).

Outro contexto descartado da nossa análise envolve a chamada concordância ideológica, que, em termos normativistas, é tratada como uma figura de sintaxe, a *silepse*. Semanticamente, essa figura de sintaxe ocorre em contextos que expressam uma noção de plural coletivo, justificando, portanto, a concordância. A silepse de número ocorre, portanto, quando o sujeito singular for concebido como plural, como ocorre com os termos coletivos. Nos dados (9) a (13), apresentamos algumas ocorrências em nosso *corpus*:

- (9) **Povo** do Conselheiro entusias| mado pela victoria, **marcham** com grande furia ignorando-se| o destino (C320, 2r);
- (10) Foi nomiado *Juis* de| Direito do Pombal o *Doutor*| Manuel Pereira veja este mun| do seo amigo assim como| outros baxareis *que* tudo tem| virado essa **jente que aspirão**| posiçoens *quanto mais* os vejo menos (C408, 1v);
- (11) O tal **Ba-|talhão** d'aqui em numero de 20 etantos que| **andão** percorrendo a rúa, é disarmado| só avança, aproza, o alferis tem mos-|trado coragem se tivessem com *quem talvez*=|reagisse (C464 2r-2v);
- (12) A **gen-|te** que vai, **são** pouco praticos. (C473, 1v);
- (13) as peçôas desta villa asi| asinarão e **gente que** nem aqui **estavão** neça| ocausão apariçeo as firma (C489, 1v).

Como mencionado, a nossa discussão se enquadra na perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Histórica e, devido à impossibilidade de definição de variáveis sociais que permitissem uma análise quantitativa a partir da submissão ao Programa de análise estatística GoldVarb X, procedemos também a uma análise qualitativa, buscando fazer "o melhor uso dos maus dados". Assim, não perdendo de vista a importância das variáveis sociais, enquanto fatores condicionantes da aplicação, ou não, da regra de concordância verbal, e suas limitações no *corpus*, realizamos uma análise qualitativa, descrevendo o perfil sociológico dos remetentes e, na medida do possível, discutindo sua relação com a variação em estudo.

Uma apresentação inicial dos contextos desfavorecedores de aplicação da regra de concordância no português brasileiro oitocentista pode também ser observada no trabalho de Souza (2014), que fez uma descrição de alguns casos, sem apresentar uma análise quantitativa. Apresentamos, a seguir, uma análise de cunho quantitativo e qualitativo, com vistas a refletir sobre caminhos para compreensão do encaixamento histórico do fenômeno variável da concordância verbal no português brasileiro.

### 3.1. Analisando a influência das variáveis linguísticas

Considerando os trabalhos sobre a aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa, em *corpus* de língua falada do PB contemporâneo, optamos por observar a influência de 5 (cinco) variáveis linguísticas, conforme mencionamos. Para a definição das variáveis linguísticas, consideramos algumas daquelas que têm se mostrado relevantes para os estudos realizados no campo da Sociolinguística Variacionista. Como destacamos, a nossa análise sobre a influência das variáveis linguísticas foi realizada a partir dos 835 contextos de terceira pessoa do plural, localizados nas 190 cartas ao Barão de Jeremoabo. As variáveis linguísticas que se mostraram significativas, considerando o grau de relevância estatística, foram selecionadas pelo Programa GoldVarb X na seguinte ordem: (1) posição do sujeito em relação ao verbo; (2) caracterização semântica do sujeito; (3) tipo de verbo; e (4) saliência fônica.

No português, a sequência sujeito-verbo-objeto, ou seja, a ordem SVO, é passível de variação, podendo o sujeito aparecer posposto ou anteposto ao verbo. Nos primeiros trabalhos de Lemle e Naro (1977), a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* já se inscrevia como uma importante variável no tratamento da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Trabalhos posteriores também apontaram a influência dessa variável, constatando que a probabilidade de haver concordância quando o sujeito está posposto ao verbo é menor do que com o sujeito anteposto, uma vez que o sujeito, quando posposto ao verbo, passa a ser supostamente encarado como objeto pelo falante, que não aplica a regra de concordância, por não considerá-lo sujeito da sentença. Essa explicação pode ser aplicada aos contextos dos verbos inacusativos. Em contrapartida, se os verbos forem transitivos, trata-se apenas de uma questão de processamento.

Considerando a hipótese de que a anteposição e a contiguidade do sujeito ao verbo favorecem a realização de marcas explícitas de plural, observamos, nas cartas ao Barão de Jeremoabo, a influência da variável posição do sujeito, a partir de quatro variantes: *sujeito anteposto contíguo ao verbo*, exemplo (14); *sujeito anteposto não contíguo ao verbo*, exemplo (15); *sujeito posposto contíguo ao verbo*, exemplo (16); e *sujeito posposto não contíguo ao verbo*, exemplo (17).

- (14) travando-se logo renhida lucta que **as forças le|gaes viu-se** obrigadas á rexaçar para o acam[pa]mento| tendo grandes baixas. (C321, 1r);
- (15) Tenho em mão seo favor de 11 do andante| que muito alegroume por saber que a| Excelentissima Comadre já vai melhorada; **Deos| e sua Santicima May lhe prolongue|** vida e robusta saúde. (C334, 1v);
- (16) Se **aparecer| noticias serias** ahi, escreva-me. (C332, 3v);
- (17) **Realisou-se** no dia 16 deste **os ca|samentos de minhas filhas**, e pela fel|icidade que a ellas assegura *Vossa Excelência|* summamente vos sou *mais grato.* (C411, 1v);

Destacamos que, tendo em vista a natureza da variável em análise, o comportamento das variantes só pode ser observado nas ocorrências de sujeito realizado. Assim, dos 835 dados, 498 correspondem a contextos de realização do sujeito, nos quais foi possível proceder à análise da variável *posição do sujeito em relação ao verbo*. Com a definição dessa variável em quatro variantes, também podemos observar a influência da contiguidade.

O comportamento dessa variável, considerando quatro variantes, como exemplificado nas ocorrências (14) a (17), também foi observado e comprovado nos estudos de Souza (2005) sobre o português arcaico. O pesquisador optou por definir quatro fatores, levando-se em conta, além da posição, a presença ou não de elementos intervenientes entre o sujeito e a forma verbal. A opção escolhida por Souza (2005) justificou-se por entender que, em função do aspecto estrutural da língua portuguesa, os falantes tendem a considerar os sintagmas nominais pré-verbais como elementos favoráveis para ocuparem a posição de sujeito, diferentemente dos sintagmas nominais pós-verbais, que deixam sobressair características de objeto (complemento verbal).

Em nosso estudo, assim como no trabalho de Souza (2005), optamos por considerar as quatro variantes – sujeito anteposto contíguo ao verbo, sujeito anteposto não contíguo ao verbo, sujeito posposto contíguo ao verbo, sujeito posposto não contíguo ao verbo –, reconhecendo, portanto, a contiguidade da posição do sujeito em relação ao verbo como elemento favorecedor da aplicação da concordância. Nesses termos, aventamos que não só a anteposição do sujeito condiciona a aplicação da regra de concordância, mas também a não existência de elementos intervenientes entre o sujeito e o verbo. Com isso, consideramos a relevância da coesão estrutural para o fenômeno estudado. A variável posição do sujeito em relação ao verbo foi selecionada como a mais significativa, estatisticamente, pelo Programa GoldVarb X. Na tabela 2, são apresentados os resultados.

**Tabela 2:** Aplicação de marcas de concordância verbal em formas verbais de 3ª pessoa do plural, considerando a posição e contiguidade do sujeito em relação ao verbo

Variantes	Frequência	Peso Relativo
Sujeito anteposto contíguo ao verbo	208/223 (93,3%)	0,660
Sujeito anteposto não contíguo ao verbo	114/134 (85,1%)	0,496
Sujeito posposto contíguo ao verbo	59/90 (65,6%)	0,284
Sujeito posposto não contíguo ao verbo	32/52 (61,5%)	0,230

**Fonte:** elaboração dos autores.

Nos resultados apresentados na tabela 2, observamos que, em 223 contextos de sujeito anteposto contíguo ao verbo, 208 dados exibem marcas explícitas de plural, correspondendo a 93,3%. Nas ocorrências de sujeito anteposto não contíguo ao verbo (134 dados), temos um percentual de 85,1% de aplicação da regra de concordância. Quanto à posposição, quando o sujeito está posposto contíguo ao verbo (90 dados), há 65,6% de ocorrências com marcas explícitas de plural; se o sujeito está posposto mas não está contíguo ao verbo (32 dados), a percentagem de ocorrências com marcas explícitas passa a 61,5%.

Em termos de condicionamento dessa variável na aplicação da regra de concordância, podemos observar um favorecimento da anteposição do sujeito ao verbo, sobretudo quanto o sujeito se encontra contíguo ao verbo, exibindo peso relativo de 0,666. Se compararmos com o sujeito posposto contíguo ao verbo, verificamos uma diferença significativa, já que essa variante exibe peso relativo de 0,284.

Quanto à contiguidade, podemos observar um maior condicionamento nos contextos de anteposição ao verbo, uma vez que, com o sujeito contíguo, o peso relativo é de 0,660, caindo para 0,496 no caso do sujeito não se encontrar contíguo ao verbo. Nos dados de posposição do sujeito, verificamos uma pequena diferença quanto à contiguidade: enquanto sujeito posposto contíguo ao verbo exibe peso relativo de 0,284, o sujeito posposto não contíguo exibe um peso relativo de 0,230. Dessa forma, podemos considerar uma maior relevância da contiguidade para as ocorrências de sujeito anteposto ao verbo.

A segunda variável selecionada pelo GoldVarb X foi a *caracterização semântica do sujeito*, que se relaciona à definição dos traços [+humano] e [-humano] para os núcleos dos sujeitos das formas verbais. Essa variável também tem se revelado um recurso de grande importância para explicar a variação na concordância verbal no PB contemporâneo. Nos exemplos (18) e (19), apresentamos ocorrências da variável dependente com a variante [+humano] e, nos exemplos (20) e (21), com a variante [-humano], observadas no *corpus*:

- (18) **Estes senhores vivem** aqui sómente a conta| do erario publico, e nada mais, (C311, 2v);
- (19) Agora vamos entrar em analy|se da celebre eleição que no| dia 1º Março teve lugar-| **apareceu muitos eleitores** (espe|culadores-) e com estes tra=|taram da eleição que foi| uma vergonha, fingindo| boca de urna-. (C324, 2v);
- (20) **As cousas** por aqui **correm**| sempre favoravel a nós, sempre| tomando proporção importantiss|ma (C325, 1r);
- (21) **As balas de estheleria** não| **produziu** o menor effeito nos| templos (C320, 1v).

Nesse trabalho, assumimos a hipótese de que o traço [+humano] favorece a aplicação da regra de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Ao submetermos os dados ao GoldVarb X, a variável *caracterização semântica do sujeito* foi o segundo grupo de fatores selecionado, haja vista sua relevância estatística. Na tabela 3, apresentamos os resultados.

**Tabela 3:** Aplicação de marcas de concordância verbal em formas verbais de 3ª pessoa do plural, considerando a caracterização semântica do sujeito

Variantes	Frequência	Peso Relativo
+ Humano	610/656 (93%)	0,562
- Humano	129/179 (72,1%)	0,287

**Fonte:** elaboração dos autores.

Considerando a frequência dos dados, de 656 ocorrências de sujeito [+humano], em 93%, ocorrem as marcas explícitas de plural, enquanto que, dos 179 dados de sujeito [-humano], 72,1% exibem a aplicação da regra. O peso relativo de 0,562 para sujeito [+ humano] evidencia um condicionamento sobre a aplicação da regra de concordância verbal, ao passo que o peso relativo de 0,287 para sujeito [-humano] evidencia o desfavorecimento da presença de marcas explícitas de plural. Diante disso, podemos constatar que o traço [+humano] do sujeito favorece a aplicação da regra de concordância mais do que quando o sujeito apresenta o traço [-humano], confirmando, assim, a relevância da variável *caracterização semântica do sujeito no corpus* estudado.

A terceira variável selecionada – *tipo de verbo* – relaciona-se diretamente com o tipo de argumento selecionado pelo verbo para desempenhar a função de sujeito da oração. Os verbos controlados nesse grupo de fatores foram divididos em cinco categorias: (i) *transitivos*, que fazem a seleção de dois argumentos, um externo (sujeito) e um interno (objeto); (ii) *inacusativos* ou *ergativos*, que selecionam um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo, embora não seja possível atribuir-lhe caso acusativo, ou seja, o caso de objeto; (iii) *inergativos*, que selecionam um argumento externo, figurando na posição de especificador do verbo e, conseqüentemente, desempenhando o papel de agente da ação verbal; (iv) *cópula*, que seleciona uma *small clause*; e (v) *auxiliares/modais*. Nos exemplos (22) a (26), apresentamos, respectivamente, dados relativos às variantes observadas quanto à variável *tipo de verbo*:

- (22) Me foi entregue sua carta de 8 do| vigente; é serto que **as forças rece-|berão** balla e muita da garganta de| Cocorobó até Canudos, sendo o| ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado* (C418, 1v) – *verbo transitivo*;
- (23) Há toda convenien-|cia em mandar a estação marítima preve-|nir ao agente para logo que **chegue os zebús|** providenciar para o embarque de bordo. (C399, 1v) – *verbo inacusativo ou ergativo*;
- (24) Alguns eleitores d'es|te municipio, **que votão** no Aporá, são amigos do *compadre|* Guinou (C438, 5v) – *verbo inergativo*;
- (25) As bandalheiras| officiaes não lhe **são** estranhas, e| por conseguinte deixo de mencio-|nal-as, (C391, 1v) – *cópula*;
- (26) Os nossos adversarios hão de fazer tanta| couza, que depois não **poderão** sahir-|se do sipoal que estão tessendo. (C382, 2v) – *verbo modal/auxiliar*.

Em relação aos verbos categorizados, numa abordagem tradicional, de *intransitivos*, consideramos dois comportamentos distintos, descritos nos itens (ii) e (iii), como verbos *inacusativos* ou *ergativos* e verbos *inergativos*, nessa ordem. Também em sua pesquisa, Souza (2005) observou o comportamento dessas duas categorias, assim apresentadas:

- i) verbos inacusativos ou ergativos, que selecionam um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo (tradicionalmente chamado de objeto);
- ii) verbos inergativos, que selecionam um argumento externo, que se projeta como especificador do verbo – em termos gerativistas, SpecVP (SOUZA, 2005, p. 81).

Os resultados apresentados pelo autor indicaram que os verbos inacusativos favorecem menos as marcas explícitas de plural em função do argumento selecionado. Considerando que o sujeito selecionado pelo verbo inacusativo “exibe um comportamento de complemento verbal” (SOUZA, 2005, p. 80), o usuário da língua acaba não percebendo as relações formais entre o verbo e o sujeito, aumentando a probabilidade da não ocorrência de marcas explícitas de concordância, uma vez que o sujeito selecionado compartilha propriedades semânticas com os objetos diretos dos verbos transitivos diretos. Nesse ínterim, defende a existência de menor ocorrência de aplicação da regra de concordância com esse tipo de verbo, entendendo que o falante é levado a interpretar o sujeito da oração como objeto direto, causando a ausência de concordância. Em contrapartida, os verbos inergativos podem favorecer a aplicação da regra.

Em nossa investigação, caracterizamos a variável *tipo de verbo* em cinco fatores, como apresentado nos exemplos (22) a (26), respectivamente, *verbo transitivo*, *verbo inacusativo* ou *ergativo*, *verbo inergativo*, *cópula* e *verbo auxiliar/modal*. Assumimos também a hipótese de Souza (2005) quanto à baixa influência dos verbos inacusativos na aplicação da regra de concordância verbal, em função do argumento que selecionam, ou seja, ao fato de selecionarem um argumento interno que, sintaticamente, é classificado como sujeito. Ao submetermos, nossos dados ao Programa GoldVarb X, *tipo de verbo* foi a terceira variável a ser escolhida, dada sua relevância estatística. Na tabela 4, apresentamos a distribuição da variável no *corpus*.

**Tabela 4:** Aplicação de marcas de concordância verbal em formas verbais de 3ª pessoa do plural, considerando o tipo de verbo

Variantes	Frequência	Peso Relativo
Verbos transitivos	322/353 (91,2%)	0,383
Verbos inergativos	85/88 (96,6%)	0,764
Verbos ergativos ou inacusativos	89/134 (66,4%)	0,297
Verbos auxiliares/modais	82/88 (93,2%)	0,611
Cópula	161/172 (93,6%)	0,694

**Fonte:** elaboração dos autores.

Observando os resultados apresentados na tabela 4, podemos constatar pouca diferença entre as frequências, com exceção dos verbos inacusativos. De modo geral, temos a seguinte distribuição das ocorrências: 91,2% de concordância nos verbos transitivos; 96,6% nos verbos inergativos; 93,2% nos verbos auxiliares/modais e, por fim, 93,6% na cópula. Em contrapartida, evidenciamos

um contraste significativo quanto aos verbos inacusativos, com frequência de apenas 66,4% de aplicação da regra de concordância, em comparação aos demais tipos de verbos. O desfavorecimento dos verbos inacusativos na realização de marcas explícitas de concordância fica evidente quando consideramos o peso relativo exibido de 0,297, em relação aos outros tipos. Chama também a atenção como se comportam os verbos transitivos: embora exibam uma frequência não muito distante das outras variantes, exceto em relação aos verbos inacusativos, o peso relativo de 0,383 demonstra seu desfavorecimento na aplicação da regra.

Os verbos inergativos, que também selecionam apenas um argumento, mas de caráter externo, exibem peso relativo de 0,764, demonstrando que esse fator condiciona a realização de marcas sobre a variável dependente presença/ausência de marcas explícitas de plural. Vale considerar que a cópula e os verbos auxiliares/modais, no *corpus* analisado, não demonstraram muita diferença, mas verificamos o favorecimento desses fatores na realização da concordância, exibindo pesos relativos de 0,694 e de 0,611, respectivamente.

Destacamos o comportamento dos verbos inacusativos ou ergativos, confirmando nossa hipótese de que estes, ao selecionarem um argumento interno que, sintaticamente, assume a função de sujeito do verbo, desfavorecem a aplicação da regra de concordância, uma vez que esse argumento é "gerado" na posição de complemento do verbo.

A última variável linguística selecionada pelo GoldVarb foi a variável *saliência fônica*, que consiste em diferenciar o grau morfológico entre a forma da terceira pessoa do plural e a terceira pessoa do singular. Lemle e Naro (1997) já consideravam como princípio básico que, quanto maior a diferença morfofonológica entre a forma marcada e a forma não marcada, maior será a possibilidade de o falante aplicar a regra de concordância de terceira pessoa. A partir dessa constatação, essa variável passou a ser observada por estudos variacionistas em *corpora* falados de diversos espaços, revelando ser um fator crucial na aplicação da regra de concordância verbal no português brasileiro, sendo que formas mais salientes geralmente são mais perceptíveis e, portanto, tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes.

Em sua pesquisa, Souza (2005, p. 67) observou o comportamento da saliência fônica a partir de dois fatores, a saber:

- a) formas menos salientes (*auya~auyã, sabha~sabhã*), cuja diferença entre as formas revela-se apenas pelo traço nasalidade que, no *corpus* analisado, é marcado de duas maneiras: uso do ~ (til); ocorrência variável de uma consoante nasal *m~n*.
- b) formas mais salientes (*fez~fezeru, ueo~ueeron*), em que se observa a presença de outros elementos além da nasalidade. Também foram consideradas como mais salientes as oposições que, embora se distinguissem pelo traço nasalidade, tal marca recai sobre a sílaba tônica, como a oposição *sta~stã*.

Em nossa investigação, também observamos o comportamento das duas variantes, ou seja, *formas menos salientes* e *formas mais salientes*, em função da natureza do *corpus* e, conseqüentemente, das limitações quanto ao número de dados. Em (27) a (30), exemplificamos os níveis de saliência fônica observados:

a) *formas menos salientes:*

- (27) agora, da inclusão dos nossos| futuros candidatos – Tote e Casuzinha – n’esta proxi=|ma eleição – **Os nomes de Lago e Reis acha muito**| acertados por aqui (C318, 2r) – *acha ~acham*;
- (28) não da-se [...]um| espaço de 3 mezes que não| se **manifeste casos fataes| de fome!!!** (C326, 2r) – *manifeste ~ manifestem*.

b) *formas mais salientes:*

- (29) não desconhece que| nós da oposição sabemos mais respe|tar as leis, do que os **Srs governistas, que**| so **quer** a ladroeira, e assassinato etc etc. (C311, 2r) – *quer ~ querem*;
- (30) **Estas noticias** aqui **pro|duziu** profunda sensação. (C320, 1v) – *produziu ~ produziram*.

A variável saliência fônica foi a última selecionada pelo GoldVarb X. Na tabela 5, apresentamos os resultados da análise estatística realizada pelo Programa.

**Tabela 5:** Aplicação de marcas de concordância verbal em formas verbais de 3ª pessoa de plural, considerando a variável saliência fônica

Variantes	Frequência	Peso Relativo
Formas mais salientes	549/599 (91,7%)	0,551
Formas menos salientes	190/236 (80,5)	0,374

**Fonte:** elaboração dos autores.

Os dados apresentados na tabela 5 confirmam a influência da saliência fônica no fenômeno variável. Vale destacar que, dos 599 contextos de terceira do plural com formas mais salientes, 549 dados exibem marcas explícitas de plural, totalizando um percentual de 91,7%. Nos contextos de formas menos salientes, num total de 236 ocorrências, a concordância ocorre em 190 dados, o que equivale a 80,5% dos casos. Verificamos a influência dessa variável quando comparamos os pesos relativos: de 0,551 para as formas mais salientes, em oposição ao peso relativo de 0,374 para as formas menos salientes.

Diante desses resultados, podemos concluir que, no *corpus* analisado, os contextos de maior saliência são favorecedores de marcas de concordância, como atestaram os trabalhos em dados de língua falada. Os resultados, além de corroborarem os referidos trabalhos, confirmam nossa hipótese quanto à influência dessa variável na explicitação das marcas de concordância verbal. Ademais, podemos considerar que, já no português brasileiro oitocentista e, em específico, no português “falado” dos sertões da Bahia, encontramos indícios da influência da variável saliência fônica na

aplicação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural, na medida em que as cartas analisadas nos permitem "ouvir o inaudível".

Antes de concluirmos essa seção, apresentamos uma breve discussão sobre dados que refletem a oralidade dos escreventes, como podemos observar nas ocorrências (31) e (32):

- (31) O general Oscar, depois que| aqui chegou vindo de Queimadas| foi com espaço de poucos dias| ao Cumbe, quando voltou| foi a Queimadas, e depois desse ultimo regresso de novo foi| ao Cumbe; para alli e Massa-|cara tem estado em idas e voltas| diversos batalhões, ficando de| guarnição o general Flores| com a 3ª brigada| e lá, conforme ja lhe participei **aprehendeiro** diversas cargas de viveres que| conduzião para os santinhos. (C448, 1v);
- (32) Os jagunco do conselheiro| arazarão toda mobila do| José Amirico e as telhas da casa| e quirião queimar a casa assim| como a Ilha da mai do Americo| deixarão de fazer por quando estavam| tratando diso foi **recebero** car-|ta do concelheiro que o acudiçe|que as tropas estão muito perto| com caro Rosario elles em adia-|tamento seguirão o mandão des|tes decertes éral Pajaú [...] (C479, 1v).

Nos dados (31) e (32), podemos observar marcas explícitas de plural (*aprehendeiro*, *recebero*), embora não correspondendo à norma padrão da língua portuguesa (*apreenderam*, *receberam*). Ao observarmos como foram grafadas as formas verbais *aprehendeiro* e *recebero*, percebemos uma redução fonológica, caracterizada pela ausência do elemento vocálico nasal, evidenciando uma representação da oralidade na escrita, comportamento que, geralmente, ocorre na fala de pessoas menos escolarizadas no PB contemporâneo. Essa forma não padrão de terceira pessoa de plural pode ser observada em formas mais salientes, como a distinção verificada nessas ocorrências: apreendeu ~ apreenderam (*aprehendeiro*); recebeu ~ receberam (*recebero*). Essa forma de representação de plural na escrita, por sua vez, coloca em evidência que se trata de um fenômeno que ocorria no PB do século XIX.

### 3.2. Sobre o social na variação da concordância verbal

Como destacamos, um dos desafios que se coloca para os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Histórica diz respeito à definição do perfil social dos informantes e, conseqüentemente, de variáveis sociais, sobretudo quanto recuamos cada vez mais a fases pretéritas da língua. Diferentemente dos estudos em Sociolinguística Variacionista, que permitem ao pesquisador fazer um controle das variáveis sociais que pretende investigar, a exemplo da escolaridade, faixa etária, sexo/gênero, entre outras, as abordagens sócio-históricas precisam lidar, em muitos casos, com a fragmentariedade dessas informações.

Mesmo diante da opacidade de informações, buscamos sistematizar o perfil social dos remetentes, com vistas a identificarmos traços que pudessem levar ao entendimento dos dados e à influência de variáveis sociais na aplicação da regra de concordância. Assim, conseguimos identificar a seguinte distribuição quanto às principais atividades/profissões dos remetentes: 11 intendentess municipais,

um “político”, 14 proprietários rurais, 2 tabeliões, 2 agentes de correio, 2 pequenos comerciantes, 3 professores de primeiras letras, um coletor das Rendas Provinciais, um juiz de paz e 6 vaqueiros. Na tabela 6, indicamos a frequência das ocorrências.

**Tabela 6:** Distribuição dos dados por principal atividade/profissão do remetente

Profissões	Variante <i>presença</i> de marcas explícitas	Variante <i>ausência</i> de marcas explícitas	Total
Agentes de Correio	126 (77,3%)	37 (22,7%)	163 (19,5%)
Pequenos comerciantes	17 (85%)	3 (15%)	20 (2,4%)
Vaqueiros	22 (88%)	3 (12%)	25 (3%)
Intendentes	225 (88,6%)	29 (11,4%)	254 (30,4%)
Proprietários rurais	281 (92,4%)	23 (7,6%)	304 (36,4%)
Tabeliões	45 (97,8)	1 (2,2%)	46 (5,5%)
Político	8 (100%)	-	8 (1%)
Coletor de rendas	6 (100%)	-	6 (0,7%)
Juiz de paz	6 (100%)	-	6 (0,7%)
Professores de primeiras letras	3 (100%)	-	3 (0,4)
<b>TOTAL</b>	<b>739 (88,5%)</b>	<b>96 (11,5%)</b>	<b>835</b>

**Fonte:** elaboração dos autores.

Apresentamos, na tabela 6, as ocorrências da variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em termos percentuais. Considerando a variante ausência de marcas explícitas, evidenciamos uma maior frequência na escrita dos agentes de Correio (22,7%), seguidos dos pequenos comerciantes (15%), dos vaqueiros (12%), dos intendentes (11,4%), dos proprietários rurais (7,6%) e, por fim, dos tabeliões (2,2%). Destacamos ainda que, nas cartas do político, do coletor de Rendas Provinciais, do juiz de paz e dos professores de primeiras letras, não houve ocorrência da variante ausência de marcas explícitas de plural.

Embora não seja possível um controle sistemático das variáveis sociais como faixa etária, sexo e escolaridade, as informações sistematizadas podem fornecer algumas pistas para uma maior compreensão quanto à influência do social sobre os usos linguísticos dos remetentes. Vale destacar que, dos 43 remetentes, apenas na escrita de 21 encontramos ocorrências da variante zero da concordância verbal. Na tabela 7, apresentamos uma distribuição dos dados de não aplicação da regra de concordância pelos respectivos remetentes, não perdendo de vista que se trata de distribuição individual das frequências de ocorrências sem marcas explícitas.

**Tabela 7:** Distribuição das ocorrências da variante zero pelos remetentes

Remetente	Quantidade de cartas que escreveu	Ocorrências
Antero de Cirqueira Gallo	14	31/96
Benicio Penalva de Faria	42	11/96
Antonio Ferreira de Brito	15	8/96
Marcelino Pereira de Miranda	13	8/96
Manoel F. Menezes	9	6/96
Quintino José Galo	14	6/96
João Cardoso Varjão	1	4/96
Alexandre Ferreira Moreira	5	3/96
João Cordeiro d' Andrade	5	3/96
Victor Marcolino de Menezes	8	3/96
Annibal Galvão de Oliveira	1	1/96
Antonio Lourenço de carvalho	1	1/96
Augusto da Silva Ribeiro	3	1/96
F. Marcondes Machado	2	1/96
Domingos Victor de Jesuz	1	1/96
Galdino Ferreira Mattos	2	1/96
Gustavo de Caldas Britto	1	1/96
Jeronimo de Almeida Soares	1	1/96
José de Faria Góes	7	1/96
Jose Lins Barreto	1	1/96
Tiburtino Perreira de Mattos	1	1/96

**Fonte:** elaboração dos autores.

Embora os dados apresentados na tabela 7 não possam ser analisados sem se levar em conta o quantitativo de cartas escritas por cada um dos remetentes e, ainda, considerando as ocorrências sem marcas explícitas de concordância, num total de 96 dados, o que corresponde a 11,5% do *corpus*, chama nossa atenção o expressivo número de ocorrências de contextos sem concordância nas missivas de Antero de Cirqueira Gallo, 31 casos de marca zero, seguidas das cartas de Benicio Penalva de Faria, com 11 dados, e de Antonio Ferreira de Brito e Marcelino Pereira de Miranda, ambos com 8 dados também sem concordância. Em relação ao remetente Antero de Cirqueira Gallo, embora tivesse como principais atividades sua atuação como Agente do Correio em Tucano, no Estado da Bahia, sendo ainda Escrivão e “político” nessa localidade, era amigo e noivo da afilhada do Barão de Jeremoabo, o que poderia justificar o significativo número de missivas escritas ao Barão de Jeremoabo. O remetente teria apenas o nível primário e demonstra o domínio da pena. Trata-se de um informante com um nível médio de letramento e, considerando os indicadores sociais, estaria, portanto, numa classe imediatamente inferior à classe alta, mas, ainda, letrada.

O segundo remetente, Benício Penalva de Faria, era radicado em Itapicuru, embora tenha passado uma temporada na Bahia (Salvador) quando acompanhou os estudos dos filhos. Além disso, teria também o nível primário e frequentado a Escola de primeiras letras. Entre as principais atividades, destacam-se: vereador em Barracão (Rio Real), Conselheiro municipal na primeira Câmara Municipal de Barracão, na Bahia, comerciante de peles, assumindo, ainda, o cargo de Oficial de registro de imóveis de Salvador, em data posterior à escrita das cartas (1890-1902). Tinha o título de Coronel da Guarda Nacional. Primo do Barão de Jeremoabo e remetente que mais o escreveu (42 cartas), sendo localizadas 11/96 ocorrências de contextos de ausência de marcas explícitas de concordância verbal.

Já Antonio Ferreira de Brito era primo e compadre do Barão de Jeremoabo, cujas cartas apresentaram 8/96 ocorrências da variante zero. Era radicado em Ribeira do Pombal, Bahia. Teria também frequentado a Escola de primeiras letras, possuindo, portanto, o nível primário. Suas principais atividades teriam sido: chefe político em Ribeira do Pombal na Bahia, vereador, delegado, Conselheiro Municipal e Intendente de Pombal.

Com um total de 13 cartas escritas e também um quantitativo de 8/96 de ocorrências com marcas zero, temos o remetente Marcelino Pereira de Miranda. Radicado em Tucano Bahia, possuía o nível primário, estudou na Escola de primeiras letras, foi delegado, intendente e Tenente Coronel da Guarda Municipal.

No *corpus* em estudo, identificamos 6 vaqueiros: João Vitorino de Carvalho, João Vieira de Andrade, José dos Santos Nascimento, Jose Lins Barreto, Domingos Victor de Jesus e Tiburtino Perreira de Mattoz; cada um escreveu apenas uma carta. Nas cartas de 3 vaqueiros, encontramos dados com ausência de marcas explícitas de plural em contextos de terceira pessoa. Não fizemos uma análise com vistas a tratar a habilidade desses vaqueiros com a escrita, na direção de mensurar se se trata de sujeitos pouco hábeis ou inábeis, como discute Santiago (2019), trabalho que pretendemos realizar *a posteriori*.

Os remetentes, em sua maioria, possuíam nível primário de escolaridade, sendo considerados sujeitos pertencentes a uma elite “letrada”. No entanto, ainda vislumbramos a necessidade de uma análise verticalizada em relação ao grau de habilidade com a escrita, o que não foi possível realizar neste trabalho.

## **Para finalizar, algumas considerações...**

Nossa análise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB oitocentista, em dados do *corpus* constituído por 190 missivas, escritas por 43 remetentes dirigidas ao Barão de Jeremoabo, apontou resultados significativos para uma reflexão sobre o encaixamento histórico da concordância verbal no século XIX, nos sertões da Bahia.

Ao analisarmos o conjunto de 190 cartas, encontramos 835 contextos de terceira pessoa do plural, sendo que, em 739 contextos, ocorre a variante *presença de marcas explícitas de plural nos verbos* e, em 96 contextos, que corresponde a 11,5% dos dados, ocorre a variante *ausência de marcas*,

ou *variante zero*. Os dados revelaram o condicionamento das variáveis linguísticas *posição do sujeito em relação ao verbo, caracterização semântica do sujeito, tipo de verbo e saliência fônica* na aplicação da regra variável de concordância verbal. Diante dos desafios inscritos na Sociolinguística Histórica, sobretudo a “fragmentariedade” dos dados quanto à distribuição social dos remetentes das cartas, não foi possível definir variáveis sociais para submeter à análise do Programa GoldVarb X, como sexo, faixa etária, escolaridade, entre outras. Apresentamos, portanto, uma análise qualitativa do componente social, a partir das informações fornecidas pelo perfil sociológico dos remetentes.

Considerando o número de ocorrências sem marcas de plural nas cartas analisadas nesse *corpus*, não podemos deixar de considerar uma possível influência dos fatores extralingüísticos na aplicação da regra de concordância. Entretanto, como não realizamos uma análise estatística, fazendo o controle de variáveis sociais, fica ainda em aberto uma questão: em que medida os fatores extralingüísticos influenciam na aplicação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural em fases pretéritas do português brasileiro?

Como evidenciamos, a variação na concordância verbal em contextos de terceira pessoa do plural não constitui um fenômeno restrito ao PB falado na atual sincronia, mas também ocorreu em fases pretéritas da língua. Vale destacar que esses resultados de ocorrências de não marcação de plural em ordem direta, com verbos de alta saliência fônica e próximos ao sujeito não costumam ser registradas no PE. Assim, ao que tudo indica, trata-se de variantes que já demonstram o perfil particular do PB, que, diferentemente do PE, tomou feições próprias, sendo a não concordância padrão marca relevante dessa identidade. Os dados, sucintamente aqui descritos, demonstraram ainda que existe uma variação dos usos da concordância verbal nos Oitocentos que, na maioria dos casos, coincide com contextos que a (des)favorecem no PB contemporâneo e que têm sido objeto de investigação sistemática desde o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977).

Ademais, seguindo a conclusão de Souza (2014), consideramos que, embora o input da não aplicação da regra de concordância verbal seja menor, os contextos são similares aos que se revelam como desfavorecedores em pesquisas que se fundamentam em *corpora* de língua falada (LUCCHESI, 2015), possibilitando-nos refletir sobre dados diacrônicos que poderão contribuir para uma confirmação do problema do encaixamento histórico da variação da concordância verbal, “pedra de toque” da gramática do português brasileiro.

## Referências

CARNEIRO, Zenaide de O. Novais. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- LEMLE, Mirian; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação MOBRAL; Fundação Ford, 1977.
- LUCCHESI, Dante. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. *Revista Estudos: Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 52, pp. 166-204, ago./dez. 2015.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. Historical Sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (org.). *The handbook of historical sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. pp. 22-40.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- SANTIAGO, Huda da Silva. *A escrita por “mãos inábeis”*: uma proposta de caracterização. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. *Concordância verbal em português: o que nos revela o período arcaico?* 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. Português brasileiro, sintaxe e história: usos da concordância verbal no século XIX. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, CiFEFiL, ano 20, n. 58, pp. 705-15, jan./abr. 2014.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.